

# OPAVIVARÁ!: Modos de vida na arte contemporânea

*OPAVIVARÁ!: Ways of life in contemporary art*

Lívia Fernandes Campos<sup>1</sup>

(PPGA-UFES)

Angela Grando<sup>2</sup>

(PPGA-UFES/FAPES)

**Resumo:** OPAVIVARÁ! é um coletivo de arte do Rio de Janeiro que desde 2005 realiza ações em espaços públicos e instituições culturais. A partir de suas propostas, o coletivo frequentemente evidencia conflitos sociais e políticos, sem aparentemente apresentar um projeto artístico duradouro, um modo de arte refém de uma ideologia universal. Suas ações provocam outros modos de se vivenciar os espaços e realidades locais, e intencionam propor vias alternativas de interação entre indivíduos e deles com o espaço urbano. Neste artigo investigaremos como suas propostas se estruturam e, para tal, lançaremos mão de eixos teorizados por Nicolas Bourriaud e Jacques Rancière, entre outros.

**Palavras-chave:** prática relacional. arte contemporânea. OPAVIVARÁ!. Espaço urbano.

**Abstract:** OPAVIVARÁ! is an art collective from Rio de Janeiro that since 2005 has been carrying out actions in public spaces and cultural institutions. Based on your proposals, OPAVIVARÁ! often shows social and political conflicts, without apparently wanting to present a lasting artistic project, an art mode hostage to a universal ideology. Their actions seem to propose alternative ways of interaction between individuals and between them and the urban space. In this article we will investigate how their proposals are structured, and, for that, we will use ideas based on the work of Nicolas Bourriaud and Jacques Rancière, among other authors.

**Keywords:** relational practice. contemporary art. OPAVIVARÁ!. urban space.



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#).

<sup>1</sup> Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestrandona Programa de Pós-graduação em Artes na mesma instituição. Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/3605846433945569>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5654-8947>.

<sup>2</sup> Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós- graduação em Artes, Bolsista Produtividade em Pesquisa – FAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4613271231371429>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7884-7322>.

OPAVIVARÁ! é um coletivo de arte do Rio de Janeiro que desde 2005 realiza ações em espaços públicos e instituições culturais. O Coletivo apresenta suas ações como propostas de interações humanas, que se tornam possíveis a partir de dispositivos relacionais elaborados pelo grupo (OPAVICARÁ!, 2005). De certo modo, a arte contemporânea ocupa um lugar aonde não há especificidade de meio que caracterize as produções artísticas recentes, e talvez isso seja o que elas têm de melhor (Bourriaud, 2011, p.140), pois desse modo cada trabalho seria avaliado a partir das subjetividades que produz.

O grupo frequentemente evidencia conflitos sociais e políticos, sem aparentemente apresentar um projeto artístico duradouro, um modo de arte refém de uma ideologia universal, mas provocando subjetivamente outros modos de se vivenciar os espaços e realidades locais. Parece propor vias alternativas de interação entre indivíduos e deles com o espaço urbano, usando o mundo para criar narrativas possíveis de se viver (Bourriaud, 2009, p.51). Os significados gerados por esse tipo de trabalho artístico só se revelam conforme as pessoas que participam das ações empregam esses sentidos.

Nicolas Bourriaud, no livro “Estética Relacional” (2009), elaborou o conceito da arte relacional, que, segundo ele, estaria baseada na esfera das relações humanas. Este aspecto seria para os artistas contemporâneos o ponto de partida e de chegada em suas obras (Bourriaud, 2009, p.61, 62). Sobre as práticas observadas a partir dos anos 1990, o autor afirma que se o projeto moderno das vanguardas do século XX pretendia anunciar um mundo futuro, hoje elas apresentariam modelos de universos possíveis (Bourriaud, 2009, p.6).

Desde sua criação, o coletivo atuaria dentro de um contexto urbano construído por interesses que, muitas vezes, não seriam públicos e suas ações problematizariam a experiência do sujeito na cidade (Anjos, 2013, p.2). Discutir criticamente o espaço urbano e as atitudes cotidianas daqueles que circulam pela cidade, questionar as estruturas de poder, tanto da arte, quanto da sociedade (OPAVIVARÁ!, 2010, p. 2), estimular

interações que não sejam mediadas por aparelhos tecnológicos ou por interesses com fins lucrativos, são temas aos quais coletivos de arte frequentemente estariam engajados na contemporaneidade.

Nesse cenário, a arte viria como uma possibilidade de reinvenção, construindo novas possibilidades de vivência no espaço urbano, criando vias possíveis para nos sentirmos pertencentes aos lugares. O OPAVIVARÁ! se posiciona como um coletivo que nasceu paralelamente a uma grande disseminação da internet e da virtualização das relações humanas (2019). Nessas formas, coexistem na contemporaneidade aspectos como a desterritorialização e a necessidade de pertencimento, a necessidade de desaceleração do tempo com a vontade de se comunicar e se movimentar rapidamente e sem obstáculos, sentimentos e noções opostas de tempo e espaço que compõem a complexidade do pensar e viver na contemporaneidade, que se alastram por várias dimensões da vida.

De modo geral, os coletivos de arte tendem a ampliar essas discussões a partir de propostas que sugerem contra fluxos dessas consequências em nossos cotidianos. No caso específico do OPAVIVARÁ!, isso fica evidente na ação “Rede Social”, quando o grupo costura várias redes de balanço convidando as pessoas ao descanso, ao mesmo tempo que os convida a estar lado a lado com desconhecidos e viver um momento de partilha. Nesse sentido, o Coletivo propõe um deslocamento de um tempo acelerado para o ócio, a contemplação de qualquer coisa, a conversa fiada com a pessoa deitada na rede ao lado, a troca de uma receita, o descanso, que pelas regras convencionais é reservado para o fim do dia em um ambiente particular.

Sobre a ação intitulada “Pulacerca”, realizada em 2009, o coletivo afirma que seria uma tentativa de anular temporariamente a grade que rodeava a Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. O grupo questiona os limites que esta grade impõe aos indivíduos que ali circulam diariamente, posicionando sobre ela 8 pares de escadas que permitiam a passagem da rua para a praça, e vice-versa, funcionando como “um convite a uma pequena transgressão: atravessar a praça por uma via

alternativa àquela colocada pelo poder público” (Campe, 2013, p.3). Ao desmanchar essa barreira, o Coletivo se posicionaria criticamente diante do poder público e tentaria desafiar discursos de poder presentes no cotidiano das cidades (2013, p.4). Colocando as escadas sobre a grade o OPAVIVARÁ! não resolve nenhuma questão, mas aparentemente incita reflexões sobre o modo de uso daquele espaço, modo esse controlado e definido por um interesse hegemônico.

Quando o OPAVIVARÁ! esteve em Vitória, no Espírito Santo, tivemos a oportunidade de vivenciar a ação intitulada “Cozinha Coletiva” (2016), durante o evento “Reconecta”. A ação foi realizada em vários pontos da cidade, dando abertura para

a participação de um público amplo. Todos eram convidados a participar da forma que achassem melhor, lavando louças, cozinhando, limpando a mesa. A ação estaria aberta a todo tipo de situação, podendo ser atravessada por aspectos antagônicos presentes na realidade daquele espaço. Durante a ação que ocorreu na Praça Costa Pereira, presenciamos situações inquietantes como uma briga entre dois moradores de rua que estavam sentados na mesa de alimentos; ou quando um dos partícipes, que estava embriagado, quebrou um dos pratos daquela atividade. A ação estaria vulnerável a qualquer tipo imprevisto, mas existia um certo nível de interferência dos integrantes do grupo, como quando orientavam os partícipes a lavarem as mãos.

Em “Cozinha Coletiva” o OPAVIVARÁ! traz para o lugar público urbano uma experiência convencionalmente privada, sentar-se à mesa e comer. Os objetos ali usados, alimentos e utensílios, são familiares ao público, mas tudo se reúne em uma proposta estranha a todos. O grupo cria uma fissura no tempo acelerado da cidade, convidando os passantes ao convívio, à pausa, ao debate sobre os direitos de uso dos espaços públicos, ao coletivo. Seria um convite para reinventar o modo de existência dentro daquela realidade. A proposta artística seria aqui a própria ação, a reinvenção do cotidiano.

Utilizar novamente a ideia do plural é para a cultura contemporânea, que resulta da modernidade, a possibilidade de inventar modos de estar juntos [...] já não é a emancipação dos indivíduos o que se revela como mais urgente, se não a emancipação da comunicação humana, da dimensão relacional da existência (Bourriaud apud Novaes, 2015, p. 133)

Na segunda metade do século XX, a aproximação entre arte vida se intensificou, e a linha que separava uma coisa da outra se estreitou cada vez mais. “O tempo vivido e o tempo de criação se sobrepõem um ao outro” (Bourriaud, 2011, p.37).

Intencionalmente performatizar a vida cotidiana é uma forma de arte capaz de elevar

o sujeito partícipe a uma certa consciência de si mesmo em um contexto que, apesar de moldado pelo artista, apresenta abertura para ações espontâneas, e esse tipo de arte pode ser considerada uma possibilidade de ato ético, moral e político (Kaprow *apud* Sneed, 2011. p.170). Nos interessa investigar em qual regime da arte as ações do coletivo OPAVIVARÁ! podem ser compreendidos quando pensados a partir dos conceitos de estética e política. Nossa objetivo aqui não é responder a essa questão, mas desenvolver uma reflexão.

Jacques Rancière (2009, p.29) identifica três grandes regimes da arte na tradição ocidental: o regime ético, o regime poético ou representativo e o regime estético. No regime ético a arte teria um papel quase pedagógico, pois apresentaria um projeto que prevê uma eficácia, constituído por valores e modos de ser, que educariam as partes e definiriam um *ethos* para certa comunidade.

O segundo regime, o poético ou representativo, baseia-se na ideia de *mímese*, num campo normativo da estética que irá dizer o que é arte e o que não é. Essas normas delimitam as maneiras de se fazer arte e de apreciá-las. No período clássico esse regime será o que conhecemos como belas-artes, que dita o que é permitido fazer, como fazer e como apreciar (Rancière, 2009, p.31). Nesse regime, a arte funcionava como um

projeto político de dominação, no sentido em que ditava como cada pessoa deveria agir, hierarquizava os temas, os papéis, mostrava qual lugar ocupam as mulheres, a feminilidade, os ícones das guerras, etc. Em qual momento a arte passa de um projeto político de dominação para um projeto político democrático, aonde

as partes antes excluídas do comum ganham voz? Para Rancière (2009, p.19), esse processo começa a acontecer quando a literatura romântica retrata o qualquer, o anônimo, não mais os heróis. Neste momento em que a igualdade dos temas acaba com a hierarquia da representação, começa a relação entre estética e política.

O regime estético, por sua vez, é compreendido por Rancière como o regime capaz de criar uma partilha do sensível, pois desobriga a arte de normas e regras específicas, bem como da hierarquia de temas presente no regime representativo supracitado.

Neste regime não haveria diferença nos modos de fazer arte e nos modos de fazer do mundo, o que entrega singularidade à obra arte, pois ela não precisa representar normas dadas à priori, modelos pré-concebidos do que se entende como arte,

mas também dificulta distinguir a estética da vida. Esse paradoxo define o regime estético, no qual todos os temas são dignos, não existem normas representativas. Para Rancière (2009, p.15), o regime estético seria político porque possibilita trazer à luz o qualquer, dar voz àquela parte que antes não era considerada na partilha do sensível, no comum.

Neste sentido, quando o OPAVIVARÁ! significa todo o tipo de tema, os objetos ordinários do cotidiano em seus trabalhos, os anônimos urbanos reunidos em volta de alimentos, entendemos que eles tocam nessa sensibilidade colocada pelo regime estético, embora Rancière dirija críticas às formas de arte relacionais apresentadas por Nicolas Bourriaud quando aponta que tais trabalhos se aproximam muito mais do regime ético da arte que do estético (Eboli, 2016, p.220). Não seria possível haver uma coexistência desses regimes?

Para Rancière, as práticas relacionais ou colaborativas se aproximam mais do regime ético que do regime estético pois objetivam, por vezes, que sua arte seja eficaz, que resolva um problema. Essa premissa negaria o dissenso, que o autor defende como sendo a condição primeira para que tenhamos uma estética política, uma partilha do sensível. Quando se fala da partilha do sensível se fala de dissenso e visibilidade, o que é visível, quem comprehende, quem pode anunciar, qual é o discurso.

Quando o OPAVIVARÁ! leva para o espaço urbano os alimentos, os utensílios para prepará-los, a toalha, os talheres, eles estão misturando aspectos da vida íntima com um espaço aonde esses aspectos são invisíveis. É também um convite para que as pessoas ressignifiquem o uso desse espaço, que a priori é articulada pelo poder que Rancière chama de “polícia”. Essa polícia seria responsável por gerir e manter as condições de vida na cidade, que regula e define quem terá visibilidade e quem permanecerá na sombra (Eboli, 2016, p.226). A política está do lado do dissenso enquanto a polícia do lado do consenso. Por qual desses dois caminhos passam as ações do OPAVIVARÁ!?

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho. (Rancière, 1996, p.42)

Em 2021, o grupo realizou uma ação que chamou de “Bem Comum”. A intervenção pública, como definiu o coletivo, consistiu em dois carrinhos que carregavam oito bebedouros com galões de água potável, que seria distribuída pelas ruas a quem tivesse sede. O grupo percorreu o trajeto de antigas fontes públicas desativas no centro do Rio de Janeiro, dialogando com a crise hídrica mundial e com o debate do direito à água potável (OPAVIVARÁ!, 2021). Ainda, o grupo pretendia fazer uma crítica à privatização da CEDAE, companhia estadual de abastecimento de água e

tratamento de esgoto. Vestindo os galões com letras grandes impressas em tecido, os artistas deixaram o título da ação bem visível, exibindo-o como uma faixa de protesto (OPAVIVARÁ!, 2021).

Ao estenderem uma faixa ao lado dos bebedouros com a frase impressa “Você tem sede de quê?” o Coletivo convida o público a expor, ou no mínimo refletir, sobre suas necessidades, incômodos, vontades, desejos, que ultrapassam o tema principal da ação “Bem Comum”, reforçando o teor crítico da obra. Aqui fica clara a intenção do Coletivo de resolver um problema num espaço público, ouvir quem não é ouvido, mas sem apresentar um projeto duradouro. Sua ação é pontual e efêmera, com início, meio e fim. De acordo com Rancière, o aspecto pedagógico de veicular uma mensagem é o que colocaria uma prática artística no regime ético (Eboli, 2016, p.221). O problema disso estaria no fato de que este regime não pressupõe um espectador emancipado, mas um espectador à espera de um saber, numa relação hierarquizada aonde a arte ocuparia um papel pedagógico.

Precisamos investigar como práticas artísticas de coletivos de arte lidam com questões que atravessam a esfera pública apresentadas até aqui, quais seriam suas propostas diante de uma hegemonia dominante, principalmente no que se refere à cidade? Por hora, finalizamos nossa reflexão entendendo que a arte do coletivo OPAVIVARÁ! passa por mais de um regime, encosta na ética, na moral, na política, nos prazeres cotidianos, nos deslocamentos do privado e do público, e vale daqui para frente olhar de forma mais aproximada para suas ações, visando uma análise mais específica no que tange as relações sensíveis que delas poderiam surgir.

## Referências

- ANJOS, Moacir dos. Três coisas que eu acho que sei sobre o OPAVIVARÁ!. **Revista Performatus**, v. 1, n. 6, set. 2013. Disponível em: <https://performatus.com.br/estudos/tres-coisas/>. Acesso em: 24 de abr. 2016.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**. Martins Editora Livraria Ltda, São Paulo, 2011.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Editora Martins Fontes, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida**. A arte moderna e a invenção de si. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2011.
- CAMPE, Milena de Carvalho. “OPAVIVARÁ! Ao Vivo!”: entrecruzamentos entre arte e vida na Praça Tiradentes. **Intercom**, XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Bauru, SP, jul. 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1317-1.pdf>. Acesso em: 24 de abr. 2016.
- CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. Editora Invisíveis Produções, São Paulo, 2015.
- CIRILLO, José; KINCELER, José Luiz; OLIVEIRA, Luiz Sérgio de et al. **Outro ponto de vista**: práticas colaborativas na arte contemporânea. Espírito Santo, PROEX UFES, 2015.
- EBOLI, Pedro Caetano. Como o coletivo Opavivará! pode ajudar Rancière e Bourriaud a fazerem as pazes. **Revista Poiésis**, n 28, p.219-235, dez. 2016.
- OPAVIVARÁ!. **Sobre - About**. Disponível em: <http://opavivara.com.br/sobre--about/>. Acesso em: 26 de jul. 2015.
- OPAVIVARÁ!. **Pulacerca**. Disponível em: <http://opavivara.com.br/p/pc/pulacerca>. Acesso em: 24 de abr. 2016.
- OPAVIVARÁ!. **Bem Comum**. <http://opavivara.com.br/p/bem-comum-contrapartida-aldir-blanc/>. Acesso em: 11 de ago. 2021.
- OPAVIVARÁ!. **Rede Social**. Disponível em: <http://opavivara.com.br/p/rede-social/rede-social>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SNEED, Gillian. Dos Happenings ao Diálogo: Legado de Allan Kaprow nas Práticas Artísticas “Relacionais” Contemporâneas. **Revista Poiésis**, n 18, p.169-187, dez. 2011.

Recebido em: 10 de abril de 2022.

Publicado em: 30 de dezembro de 2022.